

BRASIGUAIOS: UMA IDENTIDADE NA FRONTEIRA BRASIL/PARAGUAI¹

Silvio Antônio Colognese²

Resumo: O artigo aborda os brasiguaios como uma identidade em construção na fronteira Brasil/Paraguai. Parte de uma análise do problema das identidades, destacando a fronteira como o ambiente onde se dão os encontros e desencontros de diferentes, desencadeando as relações identitárias. No caso dos brasiguaios, a imigração de brasileiros para regiões fronteiriças em território paraguaio, representa um caso exemplar de uma identidade que emerge na fronteira. O texto aborda os processos de imigração de brasileiros para o Paraguai e de emergência da identidade brasiguai, destacando os conflitos e disputas em torno da definição e da atribuição desta identidade na fronteira Brasil/Paraguai.

Palavras-chave: Brasiguaios. Identidade. Fronteira. Brasil. Paraguai.

Abstract: The article discusses the 'brasiguaios' as an identity in construction on the border Brazil/Paraguay. Part of an analysis of the problem of identities, highlighting the border as the environment where the similarities and differences of 'different', triggering relations diverse identities. In the case of 'brasiguaios', the immigration of brazilians to border regions in Paraguay, represents an exemplary case of a identity that emerges at the border. The text addresses the processes of immigration of brazilians to Paraguay and emergency of the identity 'brasiguai', highlighting the conflicts and disputes over the definition and the allocation of this identity on the border Brazil/Paraguay.

Keywords: Brasiguaios. Identity. Frontier. Brazil. Paraguay.

INTRODUÇÃO: IDENTIDADES NAS FRONTEIRAS

O termo brasiguai está referido aos contingentes de brasileiros que migraram para a região de fronteira em território paraguaio a partir da década de 1950. Em sentido comum o termo é apenas uma construção linguística que se faz pela composição dos termos brasileiro e paraguaio. Neste sentido é utilizado pela imprensa e no cotidiano com significativa imprecisão para se referir a diferentes grupos e situações sociais envolvendo os imigrantes brasileiros que se dirigiram para o território paraguaio, tendo retornado ou não daquele País.

Ao longo do tempo, desde a sua origem em 1985, o termo brasiguai vem recebendo diferentes sentidos. Estes sentidos estão relacionados ao ambiente de

conflitos e aos atores brasileiros e paraguaios, envolvidos em disputas pela posse de áreas territoriais e seus desdobramentos no Paraguai, mas também pelo acesso a direitos e políticas públicas no Brasil. Mais do que uma questão etimológica, os sentidos são reveladores das disputas que se travam no processo de construção de uma identidade social, notadamente numa região de fronteira.

A problemática das identidades vem assumindo uma importância crescente na atualidade. A sua valorização está relacionada a diversos fatores, entre os quais os deslocamentos populacionais e a diversificação de significados diante das amplas transformações que se processam em pontos e níveis distintos das relações sociais no ambiente da sociedade global.

O conceito de identidade deriva da raiz latina *idem*, que evoca os sentidos de igualdade e de continuidade. Porém, como as identidades não são únicas e exclusivas, elas se definem relacionalmente umas em relação às outras. Em sua trajetória científica este conceito tem um longo percurso, especialmente ligado às tradições investigativas da Filosofia, da Psicologia, da Sociologia e da Antropologia.

O tratamento desenvolvido neste artigo aproxima-se mais da tradição antropológica, na qual o conceito de identidade é construído em associação ao de cultura. Nesta perspectiva a identidade cultural é assumida como um dos componentes da identidade social. Enquanto tal, as diferenças culturais constituem um dos ingredientes no processo de categorização das distinções nós/eles. No caso da identidade brasiguaiá, este ingrediente cultural permeia as disputas em torno da construção das identidades.

Esta definição de identidade cultural remonta a década de 1950. Desde então ela tem sido objeto de variadas definições e reinterpretações. As definições mais tradicionais organizam-se a partir da contraposição entre as concepções objetivista e subjetivista de identidade. A concepção objetivista remete a identidade dos indivíduos às suas raízes, como o fundamento de toda identidade autêntica. Neste caso, a identidade é reduzida a dimensão atributiva, como uma essência preexistente ao indivíduo, que a incorpora definitivamente. Já a concepção subjetivista reduz a identidade a um sentimento de vinculação/identificação a uma coletividade imaginária, sendo decisivas as representações e as escolhas que os indivíduos fazem no processo de classificação social.

Enquanto alternativas exclusivas, tanto a concepção objetivista quanto a subjetivista são redutoras e limitadas. Por isso se assume neste artigo a concepção de Fredrik Barth (1998), da identidade como manifestação relacional. Nesta concepção a identidade é uma construção, um modo de categorização classificatório utilizado pelos grupos para organizar as suas relações.

As identidades resultam das relações entre os grupos, nas quais cada um utiliza determinados traços distintivos de si e sobre os outros. Estes traços não são definitivos e nem determinados unicamente pelas raízes culturais, mas

construídos, reconstruídos e mobilizados no interior das disputas. Assim a identidade sempre contrapõe uma auto identidade (definida por si mesmo) e as hetero identidades (definidas pelos outros).

A legitimidade de cada identidade vai depender das relações de força (simbólicas ou não) entre os grupos em contato. Conforme concebido por Pierre Bourdieu (2007), nestas relações, somente aqueles que dispõem de autoridade legítima podem impor suas próprias definições de si e dos outros. E esta autoridade pode ser bastante diferente, notadamente em regiões de fronteira, dependendo dos lados da fronteira e dos contextos específicos em que cada grupo se situa.

Tradicionalmente a identidade foi tratada como um assunto de Estado, mobilizado no processo de construção da identidade nacional, como identidade única de referência legítima. Neste contexto, mesmo quando reconhecido certo pluralismo de origem no interior do Estado-Nação, a dinâmica das identidades era orientada para a exclusão das diferenças e a edificação de uma única identificação.

Contudo, no ambiente das fronteiras nacionais e diante dos processos de migração internacional, a dinâmica das identidades sofre deslocamentos e passa a assumir sentidos bastante variados. É o que se verifica em relação à identidade brasiguaiia, que surge como identidade negativa tanto no lado brasileiro quanto no lado paraguaio da fronteira.

A fronteira representa assim um ambiente privilegiado para a análise do processo de construção de uma identidade particular, como é o caso da identidade brasiguaiia. Isto implica em perguntar sobre as particularidades da situação de fronteira e suas implicações em termos das relações de identidade.

Teoricamente, a noção de fronteira compreende um diversificado espectro teórico-conceitual, sendo utilizada em várias disciplinas e na abordagem de diferentes objetos. Este seu caráter interdisciplinar impõe a necessidade de especificar o tratamento a ser privilegiado em cada caso. Neste artigo enfocamos a fronteira na perspectiva antropológica, o que remete para a abordagem das suas implicações simbólicas, identitárias e culturais (FAULHABER, 2001, p.106), sem esquecer a dimensão do conflito que a perpassa.

Etimologicamente a palavra fronteira indica os limites de um território, as suas margens. Esta visão da fronteira é relativa, uma vez que privilegia um centro, do qual as fronteiras seriam as suas bordas. Mas as fronteiras sempre são contraditórias, na medida em que ao marcarem as bordas, pressupõe a existência de outros em relação aos quais um centro pretende se diferenciar e estabelecer limites. Ou seja, limites são sempre relativos ao diferente, ao outro. Assim, o sentido de limite traduzido pela noção de fronteira, contraditoriamente também é condição de interação, na medida em que sugere o contato entre diferentes (COELHO, 2011, p.02).

No caso dos brasiguaios, isto sugere que, ao mesmo tempo em que a

fronteira demarca os limites entre certos grupos de brasileiros e brasiguaios, de paraguaios e brasiguaios e de brasileiros e paraguaios, também os coloca em contato, em relação. E estas relações não são simétricas, mas marcadas por fragilidades e poder, resistência e passagens, bloqueios e rupturas, movimentos e estagnações, permissões e proibições, estigmatizações e encontros, enfim, conflito e integração (ALBUQUERQUE, 2010). “As fronteiras sempre implicam um nível relacional, evidenciado pela interação das diferenças, sejam elas quais forem” (SILVEIRA, 2005, p.18).

Ao demarcar o contato entre diferentes, a fronteira é o *locus* privilegiado da manifestação das interações relacionais e conflitivas que as constituem. Conforme já referido, para Barth (1998) as identidades se constroem e reconstroem relacionalmente, umas em relação às outras. E como estas fronteiras relacionais estão em permanente movimento, às identidades que elas põem em contato nunca são estáveis e passíveis de uma definição essencialista.

Por isso o seu entendimento pressupõe a sua apreensão a partir do *locus* das relações, que são as fronteiras. Sem as fronteiras, não pode existir a diferença. Isto significa que as diferentes identidades somente podem se manifestar nas fronteiras onde elas se opõem e se separam. Assim, “los grupos y las identificaciones no pueden comprenderse en si mismos, sino en relacion con otros, en un entramado de relaciones que repone una situacion de contacto, una situacion de frontera” (GRIMSON, 2000, p. 89).

As zonas fronteiriças são espaços privilegiados para a apreensão das construções e reconstruções de identidades em seus conflitos e estigmatizações. Sem as fronteiras simplesmente não existiriam diferenças. “Estudiando limites podemos saber aquello que un grupo o una identificacion incluyen, así como los dispositivos a través de los cuales construyen esas diferencias, articulandolas en la mayor parte de los casos con formas de desigualdade” (GRIMSON, 2000, p. 89).

Para a apreensão das relações entre identidades, as fronteiras não são focadas a partir de determinado centro. As próprias fronteiras são convertidas em centro analítico através do qual as diferentes identidades são enfocadas e analisadas (COLOGNESE, 2011). No caso da identidade brasiguai, o foco da análise é deslocado dos fatores internos a cada identidade para os processos relativos às fronteiras identitárias. As relações nas fronteiras e não os grupos sociais ou as identidades específicas, como a de brasiguai, constituem a unidade de análise neste artigo. É o que se pretende demonstrar através do caso da identidade brasiguai, na fronteira Brasil/Paraguai.

O desenvolvimento do artigo esta organizado em três partes. A primeira trata da formação de um contingente de imigrantes brasileiros na fronteira do território paraguaio a partir da década de 1950. A segunda trata dos conflitos e

problemas enfrentados pelos brasileiros em território paraguaio e os desdobramentos posteriores. A terceira trata da dinâmica de construção da identidade brasiguiaia na fronteira Brasil/Paraguai. Mostra como os sentidos associados à ela são constantemente reinterpretados, afirmados ou negados de acordo com os sujeitos e os interesses envolvidos. Esta identidade expressa à contraditória experiência de conflito e de integração nas relações identitárias no ambiente das fronteiras.

A FORMAÇÃO DE UM CONTINGENTE DE IMIGRANTES BRASILEIROS NO PARAGUAI.

A origem da identidade brasiguiaia esta relacionada com a imigração de brasileiros na fronteira com o Paraguai a partir da década de 1950. As primeiras leva consideráveis de brasileiros entraram em território paraguaio em 1954. Em sua maioria eram grandes proprietários de terras. Este processo se intensificou a partir de 1961, quando o Governo Paraguai criou o programa "Marcha al Este". O objetivo anunciado era ocupar a fronteira leste paraguaia com camponeses paraguaios. No entanto, o processo conduziu a intensificação da venda de imóveis rurais a latifundiários e empresas estrangeiras (ZAAR, 2001, p.07).

Em 1966, com a assinatura da Ata das Cataratas, o Governo Paraguai promoveu a venda de terras a grandes grupos financeiros, empresas e investidores brasileiros, na fronteira com o Brasil (FIORENTIN, 2010, p.31). Assim, por exemplo, a empresa Karapá SRL possuía áreas estimadas em 100 mil hectares, e a Companhia Americana, de um ex-chanceler brasileiro, áreas de cerca de 80 mil hectares nesta região fronteiriça do território paraguaio.

Estas companhias brasileiras montavam serrarias, exploravam a madeira e, em seguida, promoviam a venda das terras às colônias de agricultores. Com o apoio do Instituto de Bienestar Rural (IBR) no Paraguai, estas áreas foram sendo transformadas em projetos de colonização privados, e oferecidas como terras baratas e férteis aos agricultores dispostos a migrar para o leste paraguaio. Neste processo, "os departamentos fronteiriços de Alto Paraná, Canindeyú, Amambay e os departamentos vizinhos de Caaguazú e Caazapá foram colonizados tanto por camponeses paraguaios, que se deslocaram de outros departamentos, como por agricultores brasileiros" (ALBUQUERQUE, 2010, p.65).

As experiências bem sucedidas na colonização e modernização agrícola do sul do Brasil, notadamente do Oeste do Paraná, situado nas proximidades no lado brasileiro da fronteira, foram inspiradoras neste processo. Assim, o elemento humano visado neste processo de colonização foram os colonos do sul do Brasil, principalmente os descendentes de alemães e italianos (Idem, p.66). Tanto que, do

total dos brasileiros em território paraguaio, cerca de 93% são originários dos três Estados do Sul do Brasil, a saber: 63% são originários do Paraná (especialmente da Região Oeste); 18% são oriundos de Santa Catarina; e 12% do Rio Grande do Sul (SALIM, 1995, p.15). Isto mostra que quanto maior a proximidade da fronteira com o Paraguai, maior é o contingente de imigrantes brasileiros do outro lado da fronteira.

Eles foram levados a abandonar o Brasil devido à concentração fundiária ocorrida durante a modernização da agricultura nas décadas de 1960/1970, à indisponibilidade de novas terras nas regiões de origem para os filhos que atingiam a maioria, à construção da Hidroelétrica de Itaipu e outros fatores. Por outro lado, eles foram atraídos para o Paraguai pela fertilidade e os baixos preços das terras, bem como pelos incentivos, baixos impostos e os créditos de longo prazo fornecidos pelo Banco Nacional de Fomento do Paraguai. De acordo com Fiorentin (2010, p.32), em certas regiões paraguaias o imigrante brasileiro podia adquirir até 130 alqueires de terras com o dinheiro da venda de um único alqueire no Brasil.

Durante as décadas de 1970 e 1980, com a inundação das terras pela formação do lago da Hidroelétrica de Itaipu, este processo foi acelerado. Estima-se que cerca de 40 mil brasileiros desalojados das suas terras no Oeste do Paraná ingressaram no território paraguaio em curto espaço de tempo. Eles se inseriram de forma diferenciada na estrutura de produção agrícola paraguaia como agregados, parceiros, arrendatários, assalariados ou ainda como pequenos, médios e grandes proprietários (FIORENTIN, 2010, p.39).

Como resultante deste processo, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil sustenta que no final dos anos 1990 viviam em território paraguaio 459 mil brasileiros. Estes números são imprecisos e estima-se que vem se mantendo nos últimos anos. Deste total 98 mil brasileiros estariam em situação legal e cerca de 350 mil seriam não regularizados (ZAAR, 2001, p.08). Estes brasileiros representariam 80% da população total do Departamento de Alto Paraná, por exemplo.

Pela proximidade da fronteira e das regiões de origem no Oeste do Paraná, os vínculos e os fluxos com o Brasil se mantêm fortes. É comum a existência de agricultores brasileiros que inclusive permanecem residindo no Brasil e se deslocam semanalmente para o Paraguai para o desenvolvimento das suas atividades agrícolas. O predomínio de imigrantes brasileiros nestas regiões de fronteira se faz notar em todos os aspectos da vida social. Nestes locais os brasileiros elegem prefeitos, vereadores, são proprietários das principais empresas, falam português, ouvem rádios e acompanham a programação televisiva das emissoras do Brasil.

Os imigrantes brasileiros em território paraguaio não formam um grupo homogêneo. De acordo com Cesconeto e Roesler (2004, p.11) a diversidade de

situações contempla quatro grupos principais. O primeiro constitui uma espécie de burguesia agrária. São grandes produtores rurais estabelecidos em Alto Paraná, Canindeyú, norte de Itapúa e Caaguazu desde a metade da década de 1970. O segundo é formado por agricultores médios, sem muita capitalização para o trabalho mecanizado. O terceiro é constituído de grandes arrendatários, com interesses comerciais e não de subsistência. O quarto grupo é mais diversificado. Formado por ocupantes sem titulação das terras, proprietários de pequenas áreas (entre cinco a dez hectares), proprietários de títulos provisórios ou contestados judicialmente, agregados e boia frias com ou sem contrato etc. Este último é o maior contingente de brasileiros em território paraguaio.

Esta diversidade de situações entre os imigrantes brasileiros em território paraguaio sugere o quanto pode ser imprecisa a utilização do termo *brasiguai* para designar indistintamente a todos estes diferentes grupos e situações. Mas antes de analisar a complexidade que envolve a construção da identidade *brasiguai*, é necessário contextualizar o ambiente de conflitos e disputas envolvendo grupos de brasileiros e paraguaios em diferentes contextos desta fronteira.

CONFLITOS E DISPUTAS ENVOLVENDO GRUPOS DE BRASILEIROS E PARAGUAIOS NA FRONTEIRA

A presença dos imigrantes brasileiros em território paraguaio não tem sido amistosa nos últimos 30 anos. Ela tem sido problemática e conflituosa, notadamente a partir da redemocratização daquele País no final dos anos 1980. Desde então as reivindicações sociais voltaram a aflorar, tendo nos camponeses paraguaios (*carperos*) um dos principais grupos organizados. Trata-se de uma categoria social formada por trabalhadores rurais sem terra, à maioria descendente de indígenas guaranis. Eles estão organizados e exercem pressão, intimidando os agricultores brasileiros, invadindo propriedades, trancando estradas, montando acampamentos, impedindo o plantio das lavouras etc. Eles argumentam que o governo autoritário se apropriou das suas terras, distribuindo-as a setores do próprio governo e a empresas estrangeiras. Neste contexto, afirmam, ocorreu o assentamento de milhares de agricultores brasileiros em território paraguaio.

Como os brasileiros constituem a maioria da população em diversos municípios paraguaios da região de fronteira, dirigentes camponeses, políticos de oposição e setores intelectuais de esquerda acusam ainda os brasileiros de representarem uma ameaça à soberania do Paraguai e à sua identidade. Eles acusam os brasileiros de se isolarem, falarem a própria língua, cultivarem os símbolos e valores do Brasil e possuírem as melhores terras no Paraguai. Além disso, eles acusam os brasileiros de violarem as leis ambientais, utilizando produtos químicos

proibidos e desmatando as margens dos rios.

Por outro lado, como a maioria dos brasileiros não se encontra legalizada no Paraguai, tem sido frequente a exigência de altos valores por autoridades paraguaias para realizar os trâmites legais para a renovação da autorização de permanência no País. Neste processo, são comuns os relatos de atitudes de violência e arbitrariedades cometidas por autoridades paraguaias.

Da mesma forma, em relação à propriedade das terras, muitos títulos de áreas adquiridas por brasileiros têm sido questionados na justiça paraguaia. Para não serem detidos ou expulsos das áreas, muitos brasileiros são obrigados a pagar mais de uma vez pela mesma propriedade das terras. Mesmo quando a justiça decide favoravelmente aos brasileiros, reconhecendo os títulos de propriedade, a polícia muitas vezes não cumpre a ordem judicial e as propriedades permanecem ocupadas pelos carperos.

Perpassando estas situações, no Paraguai permanecem vivas as lembranças da Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870). A Guerra é lembrada como parte do processo de invasão e de tomada das terras do País. Para eles, a perda de extensões consideráveis do território ao final da Guerra e a posterior venda de grandes áreas para empresas estrangeiras, são parte de um mesmo processo que se completou durante o período da ditadura do General Stroessner.

Decorrentes destes conflitos e das impressões negativas reforçadas nos contatos com áreas de fronteira, como a Ciudad de Leste, as disputas envolvendo os imigrantes brasileiros em território paraguaio se completam por um processo mútuo de estigmatização entre brasileiros e paraguaios. Por um lado, desde os desdobramentos da Guerra, os paraguaios cultivam uma imagem negativa dos brasileiros como invasores e imperialistas. Por outro lado, reforçados pela vitória na Guerra e pelas impressões passadas no contato com as áreas da fronteira, os brasileiros alimentam uma imagem dos paraguaios como preguiçosos, inferiores e desorganizados.

Tudo isso tem contribuído para a criação de um ambiente hostil a presença dos brasileiros em território paraguaio. Conseqüentemente, nos últimos 30 anos, contingentes significativos de brasileiros vem sendo obrigados a retornar ao Brasil. É neste contexto de retorno que surge a categoria identitária brasiguai.

Na seqüência analisamos a origem e as disputas envolvendo a identidade brasiguai na fronteira Brasil/Paraguai.

A IDENTIDADE BRASIGUAIA NA FRONTEIRA BRASIL/PARAGUAI

A gênese do termo brasiguai está relacionada com o processo de retorno de contingentes de imigrantes brasileiros do Paraguai. Os intensos conflitos

envolvendo imigrantes brasileiros no Paraguai, o encerramento de contratos de arrendamento, a expropriação e os questionamentos dos títulos das terras, as ocupações que impedem o plantio das lavouras e a mecanização do trabalho agrícola vêm determinando o retorno de contingentes significativos de agricultores para o Brasil nos últimos 30 anos. Por outro lado no Brasil, com a atuação do movimento dos sem terras e o anúncio do Plano Nacional de Reforma Agrária, em 1985, que previa o assentamento de 1,4 milhão de famílias em quatro anos, o retorno passou a ser considerada a única possibilidade para estes brasileiros.

Assim, a partir dos anos 1980 contingentes significativos de brasileiros passaram a retornar ao Brasil. De acordo com Marques (2009, pp.50-74), no período de 1981 a 1991 um total de 16.859 brasileiros retornaram do Paraguai. Destes 49,3% retornaram ao Paraná e 26,7% retornaram para o Mato Grosso do Sul. No período de 1990 a 2000 o número de retornos chegou a 55.011 brasileiros. Destes 60,1% retornaram para o Estado do Paraná e 16,3% para o Mato Grosso do Sul. Somando-se as duas décadas, do total de brasileiros retornados do Paraguai 85,9% retornaram para os três estados do Sul do Brasil ou para o Mato Grosso do Sul. Embora não tenhamos dados para o período 2000 a 2010, é certo que este processo de retorno se manteve. Com isso, é razoável estimar um retorno de mais de 100 mil brasileiros do Paraguai nos últimos 30 anos. É no contexto desta imigração de retorno que surgiu a categoria brasiguai.

De acordo com Wagner (1990, p.11) o termo brasiguai foi criado em 1985, quando do retorno do primeiro grupo organizado de imigrantes brasileiros que vivia no Paraguai. Eles teriam montado um acampamento na cidade de Mundo Novo (MS) e, durante uma manifestação, o deputado Sérgio Cruz (PT) cunhou o termo brasiguai. Para ele, este grupo social não teria os direitos dos paraguaios por que não é paraguaio. E não teria os direitos dos brasileiros por que abandonou o País. Diante disto ele pergunta: quem somos então? Somos uns brasiguaio, uma mistura de brasileiros com paraguaios, homens sem pátria.

Este seria o registro do primeiro uso do termo brasiguai. Em seu sentido originário, o termo brasiguai designa uma identidade duplamente negativa: nem brasileiro e nem paraguaio, sem terra e sem pátria. Ele designaria o grupo de indivíduos que deixaram o Brasil e agora se encontrariam deslocados e sem direitos, tanto aqui no Brasil quanto no Paraguai.

Forçados a abandonar o Paraguai, os brasiguaio passaram a ser estigmatizados em seu retorno ao Brasil. Os seus acampamentos montados no Brasil passaram a ser vistos como indesejáveis e perigosos pelos fazendeiros, pelas autoridades jurídicas e por prefeitos dos municípios da fronteira no Brasil. Passou a haver um temor de que o retorno em grande quantidade destes brasiguaio poderia ameaçar inclusive a ordem estabelecida naquelas cidades (ALBUQUERQUE, 2010).

A partir deste sentido originário, o termo brasiguaiio foi se diversificando, assumindo sentidos variados, ambíguos e negociados ao longo do tempo. Segundo Albuquerque (2010) o termo brasiguaiio designa uma identidade imprecisa e mutável atualmente, podendo se referir:

1) ao imigrante pobre que foi para o Paraguai, não conseguiu ascender socialmente e que, muitas vezes, regressou ao Brasil; 2) aos grandes fazendeiros brasileiros no Paraguai; 3) aos filhos dos imigrantes que já nasceram naquele país e têm a nacionalidade paraguaia; 4) aos imigrantes e aos descendentes que já misturam a 'cultura brasileira' com elementos da 'cultura paraguaia'; 5) a todos os imigrantes brasileiros que vivem na nação vizinha (ALBUQUERQUE, 2010, p.228).

Estas designações não estão claramente demarcadas e nem em disputa aberta naquele contexto de fronteira. Dependendo das situações e dos grupos sociais em presença, mais de um sentido pode ser veiculado em um mesmo ambiente de disputas.

Por isso o sentido originário do termo brasiguaiio, enquanto uma identidade duplamente negativa (nem brasileiro nem paraguaio, sem terra e sem pátria) pode ser deslocado para designar inclusive grupos sociais opostos entre si. Assim, de acordo com Albuquerque (2010, pp.231-235), no Paraguai o termo brasiguaiio passou a ser utilizado com sentidos distintos daquele originário no Brasil.

Para o movimento dos carperos paraguaios, os brasiguaiios seriam os brasileiros usurpadores das propriedades que deveriam ser dos paraguaios. Neste caso, o termo brasiguaiio é utilizado para definir os brasileiros proprietários de terras no Paraguai. A luta dos carperos pobres e sem terra seria contra os brasiguaiios ricos e proprietários das terras. Mas esta designação não é homogênea entre os camponeses paraguaios, podendo se referir apenas aos grandes proprietários de terras, como abarcar todos os agricultores brasileiros plantadores de soja no Paraguai, independente de serem grandes ou pequenos proprietários.

Entre grupos de intelectuais paraguaios o termo brasiguaiio também é utilizado para designar agricultores brasileiros pobres que, em sua maioria, já retornaram ao Brasil. Já lideranças religiosas católicas no Paraguai entendem que os brasiguaiios seriam os filhos de brasileiros nascidos naquele país, que tem cidadania paraguaia ou dupla cidadania paraguaia e brasileira. Entre outros grupos sociais e ambientes no Paraguai, os brasiguaiios seriam portadores de uma identidade mista, se referindo aos imigrantes brasileiros que já se adaptaram a cultura paraguaia, tendo retornado ou não ao Brasil.

O uso mais comum e disseminado na imprensa e no cotidiano daquela fronteira considera genericamente como brasiguaiios todos os imigrantes brasileiros

que vivem no Paraguai. Independente dos sentidos traduzidos nestas diferentes designações, elas são identidades atribuídas por diferentes grupos sociais à outros grupos. São características assim de hetero identidades. Neste processo tanto os que atribuem a identidade brasiguai, quanto os outros aos quais é atribuída esta identidade podem ser sujeitos bastante diferentes.

Mas a identidade é sempre relacional, podendo assumir sentidos de conflito ou de integração. Por isso os sujeitos podem aceitar ou não estas identidades atribuídas, assumindo ou não auto identidades diferentes. Na fronteira em questão, poucos são os sujeitos que aceitam para si e valorizam positivamente a identidade brasiguai. Inclusive existem sujeitos que reivindicam para si a categoria brasiguai apenas em determinadas situações sociais.

Assim, é comum setores mais pobres dos imigrantes brasileiros utilizarem a categoria brasiguai para reivindicar ou ter acesso às políticas ou benefícios sociais, como a reforma agrária ou o acesso a saúde pública no Brasil. Da mesma forma, imigrantes brasileiros proprietários de grandes áreas de terras no Paraguai têm assumido esta identidade para reivindicar proteção e garantias das autoridades brasileiras para a preservação dos seus direitos naquele país. É o que pôde-se verificar durante o período do Governo Lugo, quando o movimento dos carperos intensificou as ameaças a estes grandes proprietários. Mais recentemente, quando da posse de Federico Franco, estes grandes proprietários novamente se assumiram como brasiguaios para reivindicar o reconhecimento brasileiro ao novo governo paraguaio. Por outro lado, dentro do Paraguai, estes mesmos grandes proprietários preferem ser classificados simplesmente como paraguaios ou então como brasileiros, dependendo das situações.

Portanto, apesar das controvérsias e imprecisões que a identidade brasiguai traduz, ela continua sendo amplamente utilizada notadamente pela imprensa e no cotidiano. O seu sentido é constantemente reinterpretado, afirmado ou negado, agregado ou suprimido de acordo com os sujeitos e os interesses envolvidos no ambiente desta fronteira. Ela é uma expressão do contraditório ambiente de conflito e de integração envolvendo as relações identitárias nas fronteiras. E este é um processo dinâmico e permanente. É como Albuquerque (2010) sugere: as diferentes identidades se tocam nas fronteiras produzindo fluxos e obstáculos, misturas e separações, integrações e conflitos, domínios e subordinações. A identidade brasiguai é construída, reconstruída e desconstruída nesta dinâmica de relações na fronteira, sem que nunca possa ser isolada e definida em termos essenciais. No caso dos brasiguaios esta realidade é ainda mais expressiva, pois se trata de uma identidade nascida na fronteira.

NOTAS

¹ Trabalho apresentado no XIII Seminário Internacional de Verano. Caríbe: Economia, Política y Sociedad, realizado na Universidad de Quintana Roo, cidade de Chetumal/México, no período de 5 a 7 de setembro de 2012.

² Doutor em Sociologia (1997), Docente Efetivo da Universidade Estadual do Oeste do Paraná e Coordenador do Mestrado em Ciências Sociais da Unioeste. E-mail: silviocolognese@ibest.com.br

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, J.L.C. **A dinâmica das fronteiras**: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai. São Paulo: Annablume, 2010.

BARTH, F. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, P. e STREIFF-FENART, J. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Unesp, 1998.

BOURDIEU, P. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 9º ed., Campinas: Papyrus, 2007.

CESCONETO, E.A. e ROESLER, M.R.V.B. Políticas populacionais, migrações e desenvolvimento. **Trabalho apresentado no VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais**. Universidade de Coimbra, setembro de 2004.

COELHO, K.N. de B. **Intervenções urbanas de fronteiras**: o caso de Uruguaiana (RS) e Paso de los Libres (AR). Porto Alegre, 2011.

COLOGNESE, S.A. A fronteira como unidade de análise nos estudos sobre gerações e italianidade. Pp.139-158. In: SCHALLENBERGER, E. (Org). **Identities nas fronteiras**: território, cultura e história. São Leopoldo/RS: Oikos, 2011.

FAULHABER, P. A fronteira na antropologia social: as diferentes faces de um problema. In: **BIB**, São Paulo, n.51, 1º semestre de 2001. Pp.105-126.

FIORENTIN, M.I. **A experiência da imigração de agricultores brasileiros no Paraguai (1970-2010)**. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, 2010. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da UFPR.

GRIMSON, A. Fronteras, estados e identificaciones en el Cono Sur. In: GRIMSON, A. (Comp.). **Fronteras, naciones e identidades**. Buenos Aires: CICUS, 2000.

MARQUES, D.H.F. **Circularidade na fronteira do Paraguai e Brasil**: o estudo de caso dos "brasiguaios". Belo Horizonte, UFMG/Cedeplar, 2009. Tese de Doutorado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Demografia da UFMG.

SALIM, C.A. A questão dos brasiguaios e o Mercosul. In: **Emigração e imigração internacionais no Brasil contemporâneo**. Neide Lopes Patarra (ed.); Campinas, Programa Interinstitucional

de Avaliação e Acompanhamento das Migrações Internacionais no Brasil, 1995.

SILVEIRA, M.L. (Org). **Continente em Chamas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

WAGNER, C. **Brasiguaios**: homens sem pátria. Petrópolis: Vozes, 1990.

ZAAR, M.H. A migração rural no Oeste do Paranaense / Brasil: a trajetória dos "brasiguaios". **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona, n.94 (88), agosto de 2001.

Artigo recebido para publicação em 08 de outubro de 2012.

